

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JO

CLASS. : Amaz./Sul. Puro

DATA : 13 03 89

PG. : 11

19

## A hipocrisia dos "ecologos"

Otávio Tirso de Andrade

**S**e não me falha a memória, já contei a história em um destes artigos. Mas é oportuno repeti-la. No período entre as duas grandes guerras veio ao Rio, de passagem, a Sra. Victoria Ocampo, figura de grande destaque nos meios intelectuais da América Latina e da França. Ao receber a visita de um pequeno grupo de intelectuais brasileiros a fundadora de *Sur* — revista editada em Buenos Aires — mostrou-se preocupada com o clima inamistoso existente, então, entre o Brasil e a Argentina. Naquele tempo os estados-maiores das forças armadas de ambos os países não tinham nada a fazer senão estudar planos de guerra entre um e outro. Ocampo temia o pior e justificava suas apreensões de forma surpreendente: "Um belo dia, os militares de lá entram em acordo com os militares daqui, e fazem a guerra..." (Não ousei repetir a frase em castelhano, pois, ao contrário de certo intelectual maranhense, respeito a língua de Cervantes).

Hoje em dia, felizmente, não mais existe o clima de conflito latente entre os nossos dois países. As forças armadas brasileiras têm problemas muito mais sérios do que planejar correrias pelas planícies argentinas, e os nossos ex-futuros adversários potenciais ainda levarão algum tempo a se refazerem da esfrega que lhes deram os britânicos nas ilhas Falkland.

Mas o que não aconteceu entre o Brasil e a Argentina veio a dar-se agora na batalha ecológica. Os demagogos ecológicos daqui — os *ecologos* — e os do resto do mundo deram-se as mãos e partiram em guerra contra a... Amazônia! O episódio tem aspectos realmente edificantes.

A *lumpen-intelligentsia* europeia aproveitou os últimos meses de frio no hemisfério norte — véspera da reabertura da temporada de primavera — para esbaldar-se em *happenings* roqueiros nas matas brasileiras, em deliciosa promiscuidade com índios nus, tocadores de guitarras eletrônicas e damas e donzéis cabotinos, sequiosos por publicidade. Certo passageiro de um dos vôos para Altamira contou-me cenas extraordinárias. A filha de lord X, por exemplo, entreteinha-se com um sacerdote progressista sobre os planos de ambos para passar o *week-end* em uma das malocas dos Cayapós. Outra turista, francesa de origem, manifestava ao meu depoente a esperança de finalmente livrar-se, em Altamira, do tédio que a acompanha, incuravelmente, desde quando perambula pelo Nepal, Kenya e as ilhas Galapagos...

Ao final da viagem os visitantes reuniram-se em um galpão da pequena cidade paraense onde aplaudiram a "exigência" de um deputado do Parlamento Europeu para a imediata transferência da soberania da Amazônia a "uma entidade internacional". A festança não mereceria senão um registro em eventos turísticos (quando teremos o festival de gastronomia antropofágica?) se não viesse mais uma vez exibir o conluio cínico entre esquerdistas locais (cujo "nacionalismo" postigo esteve em férias na ocasião), os "sacerdotes progressistas" e toda a cáfila de anarcóides petistas que não perde ocasião de propagar a guerra entre classes, raças e espécies, quer esteja em *cock-tails* de grã-finos orelhudos ou em comícios públicos. Tudo isso deu em deplorável espetáculo de hipocrisia e ignorância que não pode passar sem os devidos reparos.

Começemos pela esquerda. Os nossos incomparáveis "marxistas" — muito dos quais supõem que os Irmãos Marx são filhos do autor de *O Capital* — incluem os silvícolas entre os conservacionistas. Ora, quem não sabe que a "coivara", a enxada do caboclo, é "um desastrado legado indígena"? Não é preciso ir ao Xingu para aprendê-lo. Abra-se *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; lá está escrito: "Na agricultura primitiva dos silvícolas era instrumento fundamental — o fogo." (*Os Sertões*. Ed. Liv. Fco. Alves. pág. 49.) Ainda agora não se noticiou que o incêndio na reserva do Monte Pascoal teria sido ateadado também pelos Pataxós? Os sobreviventes das tribos originais merecem toda a proteção do Estado, é certo. Querer transformá-los em conservacionistas é, porém, um imenso despautério.

Quanto às queimadas, para abrir pastos e caminhos, não são uma invenção da UDR, tal como supõem os ecologistas de botequim. As cartas-régias de 17 de março de 1796 já nomeavam um "juiz conservador de matas" e as de 11 de junho de 1799 determinavam "que se coíba a indiscreta e desordenada ambição dos habitantes que têm assolado a ferro e fogo as preciosas matas que tanto abundavam e hoje ficam a distâncias consideráveis etc." (*Os Sertões*. Ed. cit. pág. 50).

A luta em defesa de nosso patrimônio florestal não é de agora, nem constitui bandeira de propriedade dos supostos "progressistas". A mídia esquerdista fez do bravo Chico Mendes a primeira vítima em uma guerra de séculos, na qual muitos outros combatentes, igualmente corajosos, morreram anonimamente. As "selvatiquezas" dessa espécie "atravessaram toda a nossa história", diz o citado Euclides da Cunha. A infelicidade de Chico Mendes foi ter cruzado o caminho de uma família

de facinoras, com extenso prontuário policial em vários estados: Minas, Paraná, Acre etc. A sua morte é realmente uma catástrofe: primeiro, por privar a sociedade de um conservacionista autêntico, empenhado em manter a atividade extrativa dos seringueiros, tradicionais e inamovíveis habitantes da floresta; segundo, por ter sido explorada em pérfidas campanhas contra o empresariado rural, em geral. Na suja tarefa de difamação e calúnia situam-se na primeira linha os "padres progressistas", alguns dos quais têm morrido "em combate", surpreendidos por enfartes em locais impróprios, como a imprensa já noticiou... O radicalismo desse grupo espúrio o inscreve melancolicamente entre os partidos de extrema esquerda. Alguns de seus dirigentes, integrantes da cúpula da CNBB, além de apoiarem os roqueiros de Altamira, já se manifestaram a favor da greve geral em vias de eclodir, formularam críticas ao Plano Verão e opinam sobre candidaturas presidenciais, ou seja, conduzem-se como se participassem de agremiações políticas seculares.

Não pode haver comportamento clerical mais contristador para os católicos verdadeiros. A História inclui entre os momentos infelizes da Igreja a militância política dos sacerdotes afastados da pregação do Evangelho. Ao nos aproximarmos do centenário do "affaire Dreyfus" lembremos, a propósito, o apoio de algumas ordens religiosas católicas ao intenso anti-semitismo manifestado na ocasião por quase todo o campesinato, pela pequena burguesia e a maior parte dos aristocratas franceses. Outro episódio triste foi a total identificação do clero português com as massas populares partidárias do absolutismo do Sr. Dom Miguel de Bragança em luta contra os liberais liderados pelo nosso heróico Dom Pedro I, Dom Pedro IV, de Portugal?

A melancólica aliança entre a Igreja e o populismo, nas ocorrências citadas, têm correspondência moderna no esquerdismo do clero "progressista". O passar do tempo empurrou os energúmenos do Século XIX para o lixo da História, tal como um dia acontecerá com os atuais militantes da "teologia" da falsa libertação.

Além do comportamento dos padres de passeio, o que assume dimensões de escárnio, nesse episódio de Altamira, é o terror pânico dos *ecologos* do hemisfério norte com queimadas em *rain forests*, quando seus próprios países são os propagadores da perigosíssima poluição atmosférica com o cloro-flúor-carbono. E o que dizer, então, do chumbo incessantemente despejado pelas nações industriais no ar, na água e no

solo — para afinal penetrar no organismo e lesar o sistema nervoso dos fetos humanos, modificar o comportamento das crianças, prejudicar-lhes a inteligência e contribuir para o aumento da osteoporose entre as pessoas idosas? (Veja-se *The Economist*, 3 de março. Artigo intitulado *The poison in lead*).

As queimadas no Brasil representam zero vírgula qualquer coisa em poluição atmosférica comparadas às incensuráveis usinas de produção diária de gases tóxicos que são as grandes aglomerações urbanas da Europa, dos Estados Unidos e do México. A Organização Mundial de Saúde considera que as concentrações de ozônio na atmosfera de Los Angeles excederam os níveis mínimos toleráveis durante 130 dias em 1988! Na enorme cidade do México, com seus 18 milhões de habitantes, o número aterrador elevou-se a 312 dias em um ano! O ar esteve de tal forma irrespirável em janeiro último, na capital mexicana, que as crianças não puderam sair de casa para ir às aulas. Os diplomatas canadenses foram aconselhados a retirar seus filhos da cidade e ganharam uma redução de permanência no posto de três para dois anos. (*The Economist*. *An air that kills*. Fev. pág. 51).

Não é possível atribuir unicamente à Amazônia a função de pulmão do mundo para os demais países continuarem a poluir a atmosfera livremente e a fugirem aos inadiáveis investimentos em defesa ambiental. As iniciativas da Eletrobrás na Região Norte não podem ser interrompidas, embora seja indispensável efetuar-las com vistas à proteção do ecossistema amazônico.

Querem os *ecologos* estrangeiros ajudar-nos realmente? Sejam bem-vindos! Mas como acreditar que eles se apiedem mesmo de nossos índios, quando deixam a fome matar 40.000 crianças por dia, em Moçambique (*Time*, 21), embora o Mercado Comum Europeu tenha armazenadas, há muito tempo, montanhas de estoques de carne, leite, manteiga, trigo, queijo e muitos outros gêneros alimentícios? A população indígena do Brasil anda em torno de 200.000 indivíduos, ou seja, cabe no estádio do Maracanã. No transcurso de cinco dias morrem de fome tantos meninos e meninas moçambicanos quanto todos os índios que temos aqui! É possível esquecer os nossos irmãos africanos, após vermos os competentes e esclarecidos índios de Altamira dançarem para a platéia estrangeira, cobertos por *shorts* de Pierre Cardin, munidos de telefilmadoras Sony e ornamentados com óculos Ray-Ban? Não é, evidentemente, a não ser que nos inscrevamos, também, nas alegres hostes da *ecolodemagogia*.